

que Camilo não sofria de prejuízos dessa ordem?

A figura de Liberata opõe-se a todas as figuras de mulheres transviadas, purificáveis em sonho, só em sonho, que a literatura tem explorado.

As *Liberatas* não se regeneram, dizia Camilo. Por aqui se vê que Camilo não sofria daquêle parvo romantismo, de mínguada visão psicológica que tanto fez delirar a gente do século XIX. O leitor conhece a *Dama das Camélias*, e isso dispensa-me de maiores aproximações. O caso é, pois, que Camilo possuía um curioso senso de humano.

Eça que não possuía a vocação de fundo humanismo de Camilo teve, em compensação, e dum modo notável, um poder, um claro poder de ordenação estética, um excelente talento de cronista, a elegância fresca, macia, fina e esbriuteira.

Tendo viajado, lido e escutado os humores das correntes europeias do seu tempo, alargou mais o horizonte até aos motivos europeus. Teve mais o que osso chamar *actualismo* do que *humanismo*. Era um civilisado ao passo que Camilo era um bárbaro. A cultura deste último era bebida no estreito quarto português, no estudo da vida provinciana e nas cenas dos velhos cartões exumados para a vida das suas ovelas. Era um escritor de tipo interior embora se revelasse muito capaz de ser um escritor periférico como Eça. Teve tanta garra, tanta força passional e tanta esgracia, escreveu tão bem a sua língua que, sem favor, posso considerá-lo mais notável intuição literária dos últimos séculos.

CAMÕES

Conferência feita em inglês numa das salas da Biblioteca Ibero-Americana, na Universidade Católica da América, em Washington, a 26 de Maio de 1924

Camões acha-se identificado com a nacionalidade portuguesa. Seu nome e o título do seu famoso poema—*Os Lusíadas*—ocorrem imediatamente ao espírito quando se menciona Portugal. É a verdadeira figura mundial do seu país na qualidade de cantor das suas glórias e intérprete dos seus feitos no seu apogeu. Do ponto de vista puramente literário e não obstante numerosos pontos de diferença na natureza dos seus respectivos génios, ele representa para Portugal o que Cervantes representa para a Espanha e Shakespeare para a Inglaterra. Entretanto, como o escreveu recentemente num estudo a seu respeito um crítico americano que compreende admiravelmente as literaturas estrangeiras, Isaac Goldberg, Camões apenas constitui um nome, se tanto, para a maioria dos ingleses e americanos, mesmo instruídos. Não para todos certamente. Mickle no século XVIII, Adamson, Richard Burton, Aubertin, Aubrey Bell, Lang, Edgar Prestage nos nossos dias, têm prestado a Camões a homenagem da sua admiração consciente, traduzindo seus versos, explicando o sentido de muitas passagens, narrando sua vida dramática. Na Alemanha Schlegel, Bouterweck, Dr. Storck e Carolina Michaëlis esclareceram sua biografia e as feições filológicas dos seus trabalhos. Na França Sismondi, Edgar Quinet, Lamartine, outros mais, escreveram belas páginas sobre o grande poeta, um dos maiores de todos os tempos. *Os Lusíadas* são de facto a história em verso dos cometimentos portugueses, e estes cometimentos consistiram na descoberta de todo um mundo ignoto. Contudo a pompa do seu poema é largamente temperada pela sua sentimentalidade, e o heroísmo de alguns dos episódios alterna com a suavidade de outros. O episódio de Inês de Castro, por exemplo, amada pelo príncipe D. Pedro e trucidada por ordem do rei por motivos de política, tem exercido seu apêlo sobre espíritos delicados de todos os países, até sobre a rígida Madame de Genlis que cultivou zelosamente a etiqueta, mas não logrou impedir seu real discípulo, Luís Filipe, rei dos franceses, de ser um monarca burguês.

Camões não é portanto apenas o poeta da glória: é também o poeta do amor. Os portugueses não são somente uma gente amável, são também uma gente amante. O amor representa para eles uma ocupação importante. Outros povos serão assim mesmo, mas o amor português tem um carácter peculiar. Não é alegre: é cheio de melancolia, algumas vezes soturno. Os cantos populares

da terra são tristonhos a meio de uma natureza a mais risonha: falam repetidamente de separação, com lágrimas na voz bem como nas cordas da guitarra. Penso que eles exageram um quási nada neste assunto. Como possuem na sua língua essa palavra maravilhosa—*Saudade*, que fala por si como dizia Byron de outras palavras portuguesas, e que significa pezar por alguém ou alguma coisa ausente, querem ensaiar variações sobre tal frase musical, e as variações são infinitas sobre semelhante motivo.

Jorge Ferreira de Vasconcelos diz na sua célebre comédia *Eufrosina*, dos meados do século XVI, que o amor é português. É verdade que alguns dos seus patrícios dizem outrotanto de Deus Nosso Senhor, o qual nos ensinou ser universal. Um escritor português contemporâneo, Júlio Dantas, teve seu maior êxito de dramaturgo com uma peça num acto—*A ceia dos cardiais*, vertida para todas as línguas e até representada na China, supponho que mandarins desempenhando os papéis dos cardiais. A peça passa-se no tempo de Benedicto XIV, num desses admiráveis palácios romanos, decorados pela arte profana da Renascença. Três membros do Sacro Colégio, um francês, um espanhol e um português, evocam em palestra recordações da sua mocidade secular e, apoz ouvirem a merencória história do último—um amor de criança por outra criança da sua idade, que morreu—, concordam em que dos três foi ele o único que realmente amou.

O amor não é a bravura, como parecia imaginar o cardeal espanhol; não é o espírito, como parecia imaginar o cardeal francês: é, no conceito do cardeal português, um sentimento fundamentalmente concentrado que conduz à máguia, e, pela máguia, ao êxtase. Não importa que a bem amada seja mais ou menos formosa. Um dos inumeráveis provérbios portugueses, que provavelmente tem seu correspondente noutros idiomas, reza que, quem o feio ama, bonito lhe parece. É a mesma idéa contida no verso de Alfred de Musset—que na juventude o amor é antes um sentimento subjectivo

On lui prête l'amour et presque la beauté.

É facto que, no caso da *Eufrosina*, a heroína de Vasconcelos a quem me referi, ela merece amplamente ser amada pois que todo o Olimpo se cifra nela. Seu apaixonado a descreve com a frente de Diana, os lábios de Venus, os membros de Palas, os olhos verde claros de Juno, calmamente radiosos. O sr. Aubrey Bell, o escritor inglês que reside em Portugal e é autor de um ótimo livro sobre literatura portuguesa, nota que os olhos verdes são apreciados pelos escritores portugueses pela sua raridade ou por causa de uma antiga versão errada do termo francês *voir*. Os filólogos na verdade não têm alma ao tratar-se de gramática.

O fâmullo da comédia, que desempenha o clássico papel de confidente, descreve *Eufrosina* como o ente mais belo que ele jamais pensou ver, com o leque na mão e as mangas do vestido tufadas como as velas de um navio. Hoje em dia não poderia fazer essa comparação, porque os vestidos não têm mangas. Tampouco os navios têm velas: queimam petróleo.

Camões é um exemplo típico do namorado português. Apaixonando-se doidamente por uma dama da Rainha e a família dela opondo-se ao enlace, expressa em verso todo o seu desespero, o que freqüentemente é uma maneira inócua de descarregar penas da alma, mas também às vezes assume uma feição trágica. Não que Camões fosse parecido com os bardos pálios e de cabeleira revolta dos tempos românticos. Era um ferrabraz, e quando não suspirava e chorava com sua pena, atirava golpes com a durindana.

Camões

Quando faleceu sua Mãe, compoz um dos mais sugestivos sonetos da língua por Camões. Não ouso contá-lo, mas careço de dar-vos uma noção do feição literário de aqui servindo do meu idioma, que é o do poeta, e a poesia requer uma dicção muito apropriada; em segundo lugar, porque não sou poeta, nunca o fui, em contraste frizante com a intelectualidade do meu país, e não sou sequer culpado de escrever prosa poética, a qual já foi qualificada como equivalente do verso prosaico; finalmente, porque já não estou em idade de recitar versos de amor. Sator ne supra crepidam. Só posso chegar à *Part d'être grand père* de Victor Hugo. Por isso resolvi, como é muito costume nas conferências francesas, pedir a miss Ruth Holmes, que me ajuda na Biblioteca Herc-Americana, o favor de lê-la. Sinlo deversas que, a despeito da fervorosa admiração de Sir Richard Burton, um dos espíritos mais versateis e mais prendados que a Inglaterra ha produzido, pelo poeta Camões, ele não haja conseguido na sua tradução exprimir todo o ardor do original.

(É lida a tradução da *Alma minha gentil*...)

O amor português não é propriamente idealista: tem sensualidade. Diz Goldberg que os versos de Camões «são um resumo do génio nacional. Ressoam com o tumulto das conquistas; são impregnados de aspirações uns, outros macios e sinuosos no seu encanto sensual; ouve-se nêles estalar o látego da sôfrega, gemer o alalude do amor lânguido, farfalharem brizas bucólicas, rugir a tempestade, cicar a calma».

Podeis calcular como Camões, espírito aventureiro, empolgou a Renascença e imbuuiu seus versos do humanismo greco-latino. Os *Lusíadas* combinam num grau superior—e isto constitui sua originalidade e grandeza—o espírito católico medieval e alguns aspectos do espírito pagão que, trazido de Bizâncio para a Itália, reviviu em plena florescência no século XVI e se espalhou pela Europa Ocidental.

A intensa fé religiosa que prevalecera entre os Portugueses e que inspirou os missionários nas suas longínquas cruzadas pela conversão e redenção dos infieis, não abafou os outros traços do espírito nacional: o gosto itinerante herdado dos gregos, o pendor mercantil herdado dos fenícios, e a paixão de domínio herdada dos Romanos. Deveis ter presente que todas estas influências actuaram sobre a raça peninsular gerada de uma fusão ibero-céltica em que se juntaram a rudeza e a imaginação, a energia e a graça, com infiltrações de invasores semitas—os judeus industriais e os mouros fatalistas, então representantes de uma civilização mais alta—e também, mais tarde, de escravos negros de África.

O nacionalismo pode também ser uma corrente resultante de varios afluentes, e Camões, como qualquer outro em Portugal, dotado para mais com um surpreendente poder de expressão, flumboldi chamou-o um grande pintor do mar e pasmava da fidelidade com que os fenômenos da natureza. O elogio é valioso, provindo de uma tal autoridade e com êxito um romance marítimo, da lavra de alguém que não só recolhi

alam repetidamente de separação, ue eles exageram um quasi nada vilhosa—*Saudade*, que fala por si pezar por alguém ou alguma coisa riaçãoes são infinitas sobre seme-

Eufrosina, dos meados do século-afícios dizem outrotanto de Deus uguês contemporâneo, Júlio Dan-*A ceia dos cardiais*, vertida para ins desempenhando os papeis dos ses admiráveis palácios romanos, cro Colégio, um francês, um espa-ocidade secular e, apoz ouvirem a ança da sua idade, que morreu—,

rdeal espanhol; não é o espírito, eal português, um sentimento fune. Não importa que a bem amada rtuguêses, que provavelmente tem onito lhe parece. É a mesma idéia antes um sentimento subjectivo autê.

celos a quem me referi, ela merece eu apaixonado a descreve com a lhos verde claros de Juno, calma-m Portugal e é autor de um ópti-ão apreciados pelos escritores por-ada do termo francês *vair*. Os fi-e confidente, descreve Eufrosina mão e as mangas do vestido tufa-sa comparação, porque os vestidos eo.

aiixonando-se doidamente por uma em verso todo o seu desespero, o as alma, mas também às vezes n os bardos pálidos e de cabeleira uspirava e chorava com sua pena,

Quando faleceu sua Natércia, compoz um dos mais sugestivos sonetos da língua portugue-sa. Não conheço tradução que me satisfaça, mas careço de dar-vos uma noção do feito literário de Camões. Não ousou contudo ler uma daquelas traducções, em primeiro lugar porque não me estou aqui servindo do meu idioma, que é o do poeta, e a poesia requer uma dicção muito apropriada; em segundo lugar, porque não sou poeta, nunca o fui, em contraste frizante com a intelectualidade do meu país, e não sou sequer [culpado de escrever prosa poética, a qual já foi qualificada como equivalente do verso prosaico; finalmente, porque já não estou em idade de recitar versos de amor. *Sutor ne supra crepidam*. Só posso chegar à *Part d'être grand père* de Victor Hugo. Por isso resolvi, como é muito costume nas conferências francesas, pedir a miss Ruth Holmes, que me ajuda na Biblioteca Ibero-Americana, o favor de lê-la. Sinto deveras que, a despeito da fervorosa admiração de Sir Richard Burton, um dos espíritos mais versateis e mais prendados que a Inglaterra ha produzido, pelo poeta Camões, ele não haja conseguido na sua tradução exprimir todo o ardor do ori-ginal.

(É lida a tradução da *Alma minha gentil*...)

O amor português não é propriamente idealista: tem sensualidade. Diz Goldberg que os versos de Camões «são um resumo do génio nacional. Ressoam com o tumulto das conquistas; são impregnados de aspirações uns, outros macios e sinuosos no seu encanto sensual; ouve-se nêles estalar o látigo da sátira, gemer o alaúde do amor lânguido, farfalharem brizas bucólicas, rugir a tempestade, ciciar a calma».

Podeis calcular como Camões, espírito aventureiro, empolgou a Renascença e imbuiu seus versos do humanismo greco-latino. *Os Lusíadas* combinam num grau superior—e isto constitui sua originalidade e grandeza—o espírito católico medieval e alguns aspectos do espírito pagão que, trazido de Bizâncio para a Itália, reviveu em plena florescência no século XVI e se espalhou pela Europa Occidental.

A intensa fé religiosa que prevalecera entre os Portugueses e que inspirou os missionários nas suas longínquas cruzadas pela conversão e redenção dos infieis, não abafou os outros traços do espírito nacional: o gosto itinerante herdado dos gregos, o pendor mercantil herdado dos fenícios, e a paixão de domínio herdada dos Romanos. Deveis ter presente que todas estas influências actuaram sobre a raça peninsular gerada de uma fusão ibero-céltica em que se juntaram a rudeza e a imaginação, a energia e a graça, com infiltrações de invasores semitas—os judeus industriais e os mouros fatalistas, então representantes de uma civilização mais alta—e também, mais tarde, de escra-
vos negros de África.

O nacionalismo pode também ser uma corrente resultante de varios afluentes, e Camões, conquanto cosmopolita pelo seu génio, tendo sobretudo assimilado as culturas italiana e espanhola, as mais adiantadas do seu século, foi vibrantemente patriota. Os episódios do seu poema possuem todos elles um sabôr nacional, e todavia dos seus principais méritos foi o de ser um poeta mais universal do que qualquer outro em Portugal, dotado para mais com um surpreendente poder de expressão. Humboldt chamou-o um grande pintor do mar e pasmava da fidelidade com que elle descrevia os fenómenos da natureza. O elogio é valioso, provindo de uma tal autoridade e o seu poem é com effeito um romance marítimo, da lavra de alguém que não só recolhia no seu coração e trans-

alam repetidamente de separação, ue eles exageram um quasi nada vilhosa—*Saudade*, que fala por si pezar por alguém ou alguma coisa riaçãoes são infinitas sobre seme-

Eufrosina, dos meados do século-afícios dizem outrotanto de Deus uguês contemporâneo, Júlio Dan-*A ceia dos cardiais*, vertida para ins desempenhando os papeis dos ses admiráveis palácios romanos, cro Colégio, um francês, um espa-ocidade secular e, apoz ouvirem a ança da sua idade, que morreu—,

rdeal espanhol; não é o espírito, eal português, um sentimento fune. Não importa que a bem amada rtuguêses, que provavelmente tem onito lhe parece. É a mesma idéia antes um sentimento subjectivo autê.

celos a quem me referi, ela merece eu apaixonado a descreve com a lhos verde claros de Juno, calma-m Portugal e é autor de um ópti-ão apreciados pelos escritores por-ada do termo francês *vair*. Os fi-e confidente, descreve Eufrosina mão e as mangas do vestido tufa-sa comparação, porque os vestidos eo.

aiixonando-se doidamente por uma em verso todo o seu desespero, o as alma, mas também às vezes n os bardos pálidos e de cabeleira uspirava e chorava com sua pena,

Quando faleceu sua Natercia, compoz um dos mais sugestivos sonetos da língua portugue-sa. Não conheço tradução que me satisfaça, mas careço de dar-vos uma noção do feito literário de Camões. Não ousou contudo ler uma daquelas traducções, em primeiro lugar porque não me estou aqui servindo do meu idioma, que é o do poeta, e a poesia requer uma dicção muito apropriada; em segundo lugar, porque não sou poeta, nunca o fui, em contraste frizante com a intelectualidade do meu país, e não sou sequer [culpado de escrever prosa poética, a qual já foi qualificada como equivalente do verso prosaico; finalmente, porque já não estou em idade de recitar versos de amor. *Sutor ne supra crepidam*. Só posso chegar à *Part d'être grand père* de Victor Hugo. Por isso resolvi, como é muito costume nas conferências francesas, pedir a miss Ruth Holmes, que me ajuda na Biblioteca Ibero-Americana, o favor de lê-la. Sinto deveras que, a despeito da fervorosa admiração de Sir Richard Burton, um dos espíritos mais versateis e mais prendados que a Inglaterra ha produzido, pelo poeta Camões, ele não haja conseguido na sua tradução exprimir todo o ardor do ori-ginal.

(É lida a tradução da *Alma minha gentil*...)

O amor português não é propriamente idealista: tem sensualidade. Diz Goldberg que os versos de Camões «são um resumo do génio nacional. Ressoam com o tumulto das conquistas; são impregnados de aspirações uns, outros macios e sinuosos no seu encanto sensual; ouve-se nêles estalar o látigo da sátira, gemer o alaúde do amor lânguido, farfalharem brizas bucólicas, rugir a tempestade, ciciar a calma».

Podeis calcular como Camões, espírito aventureiro, empolgou a Renascença e imbuiu seus versos do humanismo greco-latino. *Os Lusíadas* combinam num grau superior—e isto constitui sua originalidade e grandeza—o espírito católico medieval e alguns aspectos do espírito pagão que, trazido de Bizâncio para a Itália, reviveu em plena florescência no século XVI e se espalhou pela Europa Occidental.

A intensa fé religiosa que prevalecera entre os Portugueses e que inspirou os missionários nas suas longínquas cruzadas pela conversão e redenção dos infieis, não abafou os outros traços do espírito nacional: o gosto itinerante herdado dos gregos, o pendor mercantil herdado dos fenícios, e a paixão de domínio herdada dos Romanos. Deveis ter presente que todas estas influências actuaram sobre a raça peninsular gerada de uma fusão ibero-céltica em que se juntaram a rudeza e a imaginação, a energia e a graça, com infiltrações de invasores semitas—os judeus industriais e os mouros fatalistas, então representantes de uma civilização mais alta—e também, mais tarde, de escra-vos negros de África.

O nacionalismo pode também ser uma corrente resultante de varios afluentes, e Camões, conquanto cosmopolita pelo seu génio, tendo sobretudo assimilado as culturas italiana e espanhola, as mais adiantadas do seu século, foi vibrantemente patriota. Os episódios do seu poema possuem todos elles um sabôr nacional, e todavia dos seus principais méritos foi o de ser um poeta mais universal do que qualquer outro em Portugal, dotado para mais com um surpreendente poder de expressão. Humboldt chamou-o um grande pintor do mar e pasmava da fidelidade com que elle descrevia os fenómenos da natureza. O elogio é valioso, provindo de uma tal autoridade e o seu poem é com effeito um romance marítimo, da lavra de alguém que não só recolhia no seu coração e trans-

era capaz de apontar pelos nomes as constelações
óptico. Já um sábio professor publicou um livro
a sua botânica.
entureiro brutal. Havia nobreza nos seus actos
osa, assim foram seus tempos. Ele foi realmente
e, uma mente às musas dada e um braço às ar-
na África Setentrional com a mesma facilidade
tão grande lírico como grande épico. É mesmo
angeiro algum tem estudado a literatura portu-
ao mais do que um hino épico, um hino lírico em
mo tempo profundo, é lícito afirmar que toda a
Burton, que se deleitava com ser irónico, aven-
m modo mais ou menos pessoal.
sonetos, mas não foi de modo algum impessoal
o essencialmente pessoal, e até verdadeiramente
Nascido para pelejar e para amar, «o poeta bar-
ma. Uma das suas maiores virtudes literárias é
ua descrição de Venus, a deidade protetora dos
s mesmos, descrição que seria licenciosa se não
eu temperamento.

teto das suas máguas— «building on nothings out
de o sr. Goldberg, acrescentando que da sorte o
do amor, engano. Entretanto nunca alguém falou
é aos clássicos, ao doce Virgílio, para encontrar
o Tasso em demasia seco para suportar o con-
épico de Camões é das produções do género a que
pedantismo algum, se bem que, como disse, suas
ém de tais provas de cultura por assim dizer enci-
sível uma situação como a que se atribue a Sha-
movida pelas correntes populares, impregnada de

frequentemente linguagem grandiloquente, mas os
aduzidos, lucram mesmo em serem traduzidos em
ples, e nada há de mais simples em poesia do que
a Inês de Castro, a dona do colo de cisne. Só posso
brissimas versões, que parecem pôr a pratos o gé-
urade.

uro amor.

inda Inês.)

Camões nem se guinda a ridículos exageros, nem descamba na vulgaridade: conserva um
saudavel equilíbrio e sabe na perfeição consorciar o bucolismo que decorre de um clima deleitoso
com o exotismo do Oriente, do qual ele assimilou toda a fragrância. Têmas de heroísmo e de amor
são as mais das vezes complicados pelos autores que por meio d'elles pretendem ferir as imaginações.
Em regra não são tão intrincados. Lord Strangford, que por longo tempo representou a Gran-Bre-
tanha em Lisboa, narra do modo mais singelo a história da paixão de Camões por Dona Catarina
de Ataíde (a Natércia dos seus versos), a quem, segundo a tradição elle viu pela primeira vez numa
igreja, concebendo o sentimento que tão romântico se tornou.

«Naquêles tempos— escreve o lord—o amor era um estado de provações árduas e as damas
inconscientemente exigiam um periodo de quasi servidão cavalheiresca, que felizmente para os cava-
lheiros já não mais se requer. A severidade extrema da sua amada dava pasto aos mais ternos quei-
xumes do nosso poeta, pois conquanto o coração dela já se houvesse clandestinamente decidido per-
tencer-lhe, a reserva portugêsa suprimia toda confissão da escolha. Apoz meses e meses de ado-
ração, quando elle humildemente solicitava uma madeixa de cabelo, a bem amada deixou-se abrand-
dar pelas súplicas ardentes que ouvia, e transigia ao ponto de entregar-lhe púdicamente uma das
rêdes de seda com que se envolve o penteado». Não faz grande diferença, a meu ver, madeixa ou
rêde.

«A posição de Dona Catarina como dama da rainha impunha ao seu namorado uma attitu-
de de respeito que cedo se tornou intolerável. Qual novo Ovidio, elle violou a santidade da residên-
cia real e foi por isso banido da côrte. Ignorámos a natureza precisa da sua ofensa, mas é mais
que provável que se filie numa quebra de discreção, a primeira e a mais nobre das leis da galanta-
ria. Qualquer que tivesse sido, forneceu à familia da dama excelente pretexto para pôr còbro a um
intercurso que considerações mundanas tornavam, da parte dela, da máxima imprudência. O amor
preparava porém ao seu devoto uma consolação quando elle menos a esperava. Na manhã da sua
partida, sua amada desmanchou sua usual austeridade e confessou-lhe o sigilo de um affecto há
tanto tempo occulto. Os suspiros de aflição perderam-se nos de mutua satisfação, e a hora dessa
despedida foi, porventura, a mais encantadora da existência do poeta. Assim reconfortado, procedeu
para o lugar do seu exílio, donde regressou rapidamente a Lisboa, foi pela segunda vez julgado réo
de ofensa e pela segunda vez desterrado».

Toda essa história acha-se quasi certamente repleta de inexactidões: mas qual é a história
que as não encerra? Só temos direito de censurar quando os erros encobrem um propósito desho-
nesto. A mentira é então merecedora de reprovação. Foi recentemente divulgado—quão cruel pode
por vezes ser a erudição!—que Herodoto, o pai da história, era nada mais, nada menos do que um
agente de publicidade estipendiado. Se assim era, Plutarco tinha razão, até que se prove que a não
tinha.

A accusação é séria e digna de investigação. Quanto a simples inexactidões, o equivalente na
história do que os Franceses chamam na vida corrente *des mensonges blancs*, penso que a melhor
coisa é não tocar nelas, especialmente quando só servem para embelezar. Ocasionalmente são o me-
lhor que se encontra na história e, além disso, acham-se incrustadas para sempre. A lenda é fre-
quentemente destinada a uma vida mais longa do que a verdade.

Eu por mim não tentarei com certeza defender as correcções exaradas pelos eruditos em suas pacientes investigações. Que os historiadores poéticos e que a credence popular se entendam e prosperem. No caso de que tratamos um facto é verdadeiro: Camões possuía um temperamento dos mais inflamáveis. Lord Strangford escreveu que «a mulher era para elle como que um anjo dispensador de graças e que elle decerto lhe é devedor do pouco de alegria que lhe coube na vida. A magia dos encantos femininos constitue seu tema favorito e quando pinta os atractivos do belo sexo com o pincel brilhante de um estuasiasta, parece transportar-se ao céu que descreve. A paixão amorosa nunca o abandonou e até nos últimos dias lastimou profundamente estarem longe os enleivos da mocidade, revivendo com delcete os amores que recordava».

Camões amou com os sentidos, e também com o coração. É um velho lugar comum que a dôr é mais fecunda do que a alegria. Com sua subtiliza psicológica o sr. Goldberg observou que «o amor e a vida trataram de conserva-lo fóra dos seus círculos e que elle traçou por sua vez círculos maiores para conservar-se na sua órbita. Continuo sofrimento, quando não mata, determina uma voluptuosidade dorida, que uma existência devotada ao prazer tem de derivar da adversidade física e espirital».

A mesma pena que nos *Lusiadas* desenha com as côres mais pagãs a ilha dos amores, da qual o arcebispo Fenelon, aproveitando o modelo, deu uma reedição na ilha do Calypso do seu afamado *Telemaco*, serviu-lhe para compôr os versos mais pungentes.

Melhor seria ter de tomar estas coisas em forma de gracejo, mas há nelas bastante para fazer chorar, e eu acredito piamente que Camões experimentou uma grande máguia quando soube da morte da sua querida Natércia. Como elle disse porém, o tempo tudo gasta e seu pezar desapareceu no vortice de outros amores, uns alegres, tristes outros. Elle não amou somente em verso: amou igualmente em prosa, e a julgar pelos versos amou de preferência com tristeza. Lord Strangford foi um dos constantes traductores dos seus sonetos, e tomou tal interêsse pelo poeta que não só publicou e reeditou um volume d'esses versos, como envidou esforços para encontrar seu túmulo e dar aos seus restos um túmulo decente.

Possuo na minha collecção de autografos o original de uma carta (eíl-a aqui) de Lord Strangford sobre o assunto, escrita de Lisboa, em que diz a 21 de Abril de 1804: «Meu caro lord: Aqui cheguei domingo passado, com uma viagem muito curta e agradável. Durante um dia fomos perseguidos por uma escuna franceza, mas a superioridade veleira do nosso barco permitiu-nos escapar... Já fiz uma peregrinação sem exito à tumba de Camões. Após muitas difficuldades e muito ridículo que lançaram sobre a ânsia das minhas investigações, descobri que o seu corpo fora removido da igreja de Sant'Ana e que se não achava enterrado por baixo da escada do convento vizinho. É claro que todas as pesquisas cessaram immediatamente, se bem que eu muito desejasse tornar-me um segundo Clodio e penetrar no recinto prohibido...»

A prolongada residência de Lord Strangford em Portugal e porventura um melhor gosto literário que o de outros emprestam às suas traduções um aspecto mais atraente. Elle compreendeu que o traço capital da natureza de Camões era o galanteio. Não era a mulher o objecto exclusivo do seu amor: amava igualmente a glória e a fama e isto é o que produz um contraste tão acentuado entre sua vida de aventuras e seu desgredado fim—humilhado, pobre e enfermo.

Camões

Não devemos no entanto tomar demasiado ao trágico, nem lastimar com de-
de Camões, publicada em 1820, diz haver sido «cortada de vicissitudes e escurecida por infortúnios
Todos neste mundo tem sua quota de sofrimento e Camões não pertenceu certamente ao número
limitado dos felizes, se é que estes existem. Outros, contudo, são ainda mais dignos de dó. Sua al-
tievez era extrema para que elle fosse dado extrair da vida a satisfação com que esta pode brindar
aqueles que não nutrem ambições e por conseguinte aspirações, ou aqueles que dela retiram lucros
que nutram raramente associados com escrúpulos. Era turbulento e inconsequente em todo ramo de acti-
vidade como o era no amor, no qual foi activo como nenhum mais.
Falleceu aos 56 anos, quasi mendigo, no mesmo ano de 1580 em que Portugal, sangrado
até esvaír-se, em Marrocos, e particularmente exaustido pelo seu esforço gigantesco de um século de
expansão ultramarina e através de todo o mundo, perdeu temporariamente sua independência nas
mãos de Filipe II. No seu último escrito, uma carta ditada pouco antes de entrar em agonia, previu
todo o desmoronamento imminente de Portugal quando disse que amara tanto a sua pátria que não só
nela morria, como morria com ella. Há um traço espirital de Camões que o torna extraordinaria-
mente simpático aos meus olhos, e é a sua rara «audácia de alma», o seu desprezo pelos poderosos
quando indignos do poder. Sempre esteve pronto para os atacar e Strangford escreveu a respeito
que «aqueles que condemnam essa disposição ignoram que o seu exercício produz um mais invejável,
delcete do que qualquer que a fortuna possa dispensar. O pobre homem nem sempre é pobre!»

M. de Oliveira Lima



ei com certeza defender as correcções exaradas pelos erúditos em os historiadores poéticos e que a credence popular se entendam e tamos um facto é verdadeiro: Camões possuía um temperamento egírd escreveu que «a mulher era para elle como que um anjo digno certo lhe é devedor do pouco de alegria que lhe coube na vida. A ma- stitue seu tema favorito e quando pinta os atractivos do belo sexo tustaste, parece transportar-se ao céu que descreve. A paixão amo- os últimos dias lastimou profundamente estarem longe os enlevos te os amores que recordava».

sentidos, e também com o coração. É um velho lugar comum que a gria. Com sua subtilidade psicológica o sr. Goldberg observou que conserva-lo fóra dos seus círculos e que elle traçou por sua vez cír- na sua órbita. Continuo sofrimento, quando não mata, determina uma existência devotada ao prazer tem de derivar da adversidade

Lusíadas desenha com as côres mais pagãs a ilha dos amores, da tando o modelo, deu uma reedição na ilha do Calypso do seu afa- mpôr os versos mais pungentes.

er estas coisas em forma de gracejo, mas há nelas bastante para te que Camões experimentou uma grande mágua quando soube da Como elle disse porém, o tempo tudo gasta e seu pezar desapareceu alegres, tristes outros. Elle não amou sòmente em verso: amou pelos versos amou de preferência com tristeza. Lord Strangford dos seus sonetos, e tomou tal interêsse pelo poeta que não só pu- es versos, como envidou esforços para encontrar seu túmulo e dar

de autogrosos o original de uma carta (eil-a aqui) de Lord Stran- Lisboa, em que diz a 21 de Abril de 1804: «Meu caro lord: Aqui ma viagem muito curta e agradável. Durante um dia fomos perse- mas a superioridade veleira do nosso barco permitiu-nos esca- em exito à tumba de Camões. Após muitas difficuldades e muito a das minhas investigações, descobri que o seu corpo fora remo- se não achava enterrado por baixo da escada do convento vizinho. saram immediatamente, se bem que eu muito desejasse tornar-me recinto prohibido...»

de Lord Strangford em Portugal e porventura um melhor gosto m às suas traduções um aspecto mais atraente. Elle compreendeu Camões era o galanteio. Não era a mulher o objecto exclusivo do lória e a fama e isto é o que produz um contraste tão acentuado desgraçado fim—humilhado, pobre e enfermo.

Não devemos no entanto tomar demasiado ao trágico, nem lastimar com demasiado senti- mento uma vida que Adamson num dos dois volumes das suas *Memórias da vida e escritos de Luis de Camões*, publicada em 1820, diz haver sido «cortada de vicissitudes e escurecida por infortúnios». Todos neste mundo tem sua quota de sofrimento e Camões não pertenceu certamente ao número limitado dos felizes, se é que estes existem. Outros, contudo, são ainda mais dignos de dó. Sua al- tizez era extrema para que lhe fosse dado extrair da vida a satisfação com que esta pode brindar aqueles que não nutrem ambições e por consequente aspirações, ou aqueles que dela retiram lucros que andam raramente associados com escrúpulos. A verdade é porém que elle fez o que pôde para atrahir sôbre si uma porção de calamidades. Era turbulento e inconsequente em todo ramo de acti- vidade como o era no amor, no qual foi activo como nenhum mais.

Faleceu aos 56 anos, quasi mendigo, no mesmo ano de 1580 em que Portugal, sangrado até esvair-se, em Marrocos, e particularmente exaustado pelo seu esforço gigantesco de um século de expansão ultramarina e através de todo o mundo, perdeu temporariamente sua independência nas mãos de Filipe II. No seu último escrito, uma carta ditada pouco antes de entrar em agonia, previu todo o desmoronamento iminente de Portugal quando disse que amara tanto a sua pátria que não só nela morria, como morria com ela. Há um traço espiritual de Camões que o torna extraordinaria- mente simpático aos meus olhos, e é a sua rara «audácia de alma», o seu desprezo pelos poderosos quando indignos do poder. Sempre esteve pronto para os atacar e Strangford escreveu a respeito que «aqueles que condenam essa disposição ignoram que o seu exercicio produz um mais invejável, deleite do que qualquer que a fortuna possa dispensar. O pobre homem nem sempre é pobre!

M. de Oliveira Lima

